UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

AFORISMOS & MÁXIMAS MORAIS

EM

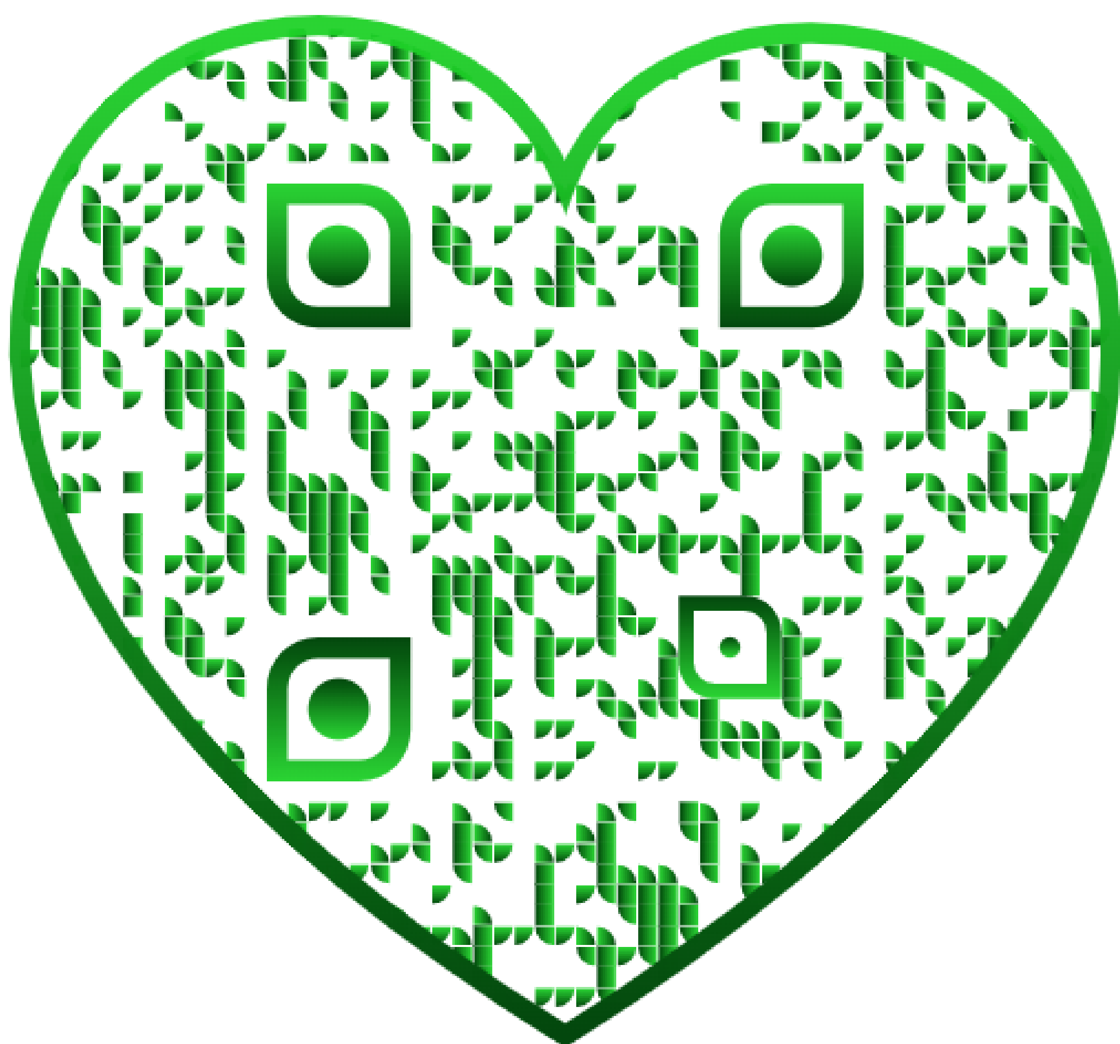
LA ROCHEFOUCAULD,

PASCAL, NIETZSCHE E CIORAN

SEGUNDA APOSTILA DE CURSO

PROF. MS. EDUARDO SUGIZAKI

GOIÂNIA, SEGUNDO SEMESTRE DE 1998.



INTRODUÇÃO

Meus caros alunos,

Esta presente apostila tem uma proposta de trabalho diferente da anterior. Não se trata de um texto meu, mas de uma seleção de textos alguns pensadores. A mudança no texto de trabalho acarretará uma mudança no método das nossas aulas. Até agora elas se constituiam de exposições minhas, sempre enriquecidas com a participação de vocês, na forma de perguntas, de críticas etc. Agora, nós estaremos juntos frente a textos que escolhi, mas que foram escritos por outros autores. Nosso desafio é interpretar estes textos.

Interpretar, para nós, significará:

a) tentar compreender o que o pensador disse;

b) tentar pensar o problema proposto pelo texto, saltando para além dele e construindo nossa própria reflexão sobre o problema;

c) emitir juízos quanto à oportunidade e a relevância da leitura deste texto.

Este segundo momento da nossa disciplina exigirá portanto uma participação mais ativa dos alunos. Para que possamos interpretar estes textos, de forma colegiada e em sala, será fundamental a sua leitura prévia. Sem ela, cada um de vocês não terá como participar do debate com os colegas.

Nesta segunda etapa do nosso trabalho, o sistema de avaliação será alterado. Não haverá prova de memorização (sem consulta). Metade da avaliação incidirá sobre a participação em sala, que reflita a leitura prévia dos textos (apresentação de perguntas, críticas e comentários aos textos trazidos de casa). A outra metade da avaliação incidirá sobre trabalho pessoal e individual

de redação sobre os textos lidos. Nesta redação, cada um de vocês deverá realizar sua interpretação dos textos.

Quanto ao critério de escolha destes textos, sigo as seguintes diretrizes:

a) textos filosóficos clássicos (autores originais e de algum destaque na história da filosofia), que permitam a alunos de cursos diversos (não filósofos) um contato fértil, cativante e prazeiroso com a filosofia.

b) textos que estão de alguma forma ligados ao autor que pesquiso, o filósofo alemão do século XIX, Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Quanto à primeira diretriz, sigo o objetivo que tracei no projeto de pesquisa apresentado para a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás. Tenho também uma pesquisa sobre Nietzsche registrada na Vice Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa. Sigo a diretriz pedagógica atual da UCG, que vem sendo explicitada pelo o Prof. Antônio Cappi, atual titular da VPG: procurar superar a apartação entre a pesquisa e o ensino como atividades docentes. Pretendo seguir a orientação de trazer até vocês algo da minha pesquisa e, assim, permitir-lhes uma forma de participação na construção do saber universitário.

Entre os textos que vocês tem em mãos, aqueles que lhes parecerem mais interessantes e férteis para a reflexão pessoal e aproximação fecunda da filosofia poderão voltar a ser estudados por outros alunos meus, no próximo semestre. Acolherei também as sugestões de vocês quanto à desclassificação de textos, as críticas ao método, as sugestões etc.

Quanto ao tipo de textos que escolhi, aproveitei uma tradição literário-filosófica francesa, as "máximas morais". Um tipo de literatura que foi criado, ao lado de outros gêneros (como o epistolar e o retrato), na segunda metade do século XVII, nos salões mundanos franceses. O interesse estava voltado para o conhecimento do comportamento humano. Realizava-se nestes salões, por intermédio da criação destes textos, uma espécie de psicologia dos sentimentos

humanos. Não se trata ainda de uma psicologia científica como aquela que nascerá no século seguinte com Christian Wolff (1679-1754), mas de uma instigação ao conhecimento do homem por mecanismos estritamente racionais, sem recurso à experimentação empírica e à comprovação estatística. Tratava-se de um exercício intelectual sagaz e de uma desconfiança perspicaz quanto aos verdadeiros motivos, intenções, sentimentos do homem, escondidos por ele em função de sua vida em sociedade, dos costumes, da moral, do próprio desejo de estima social.[1] Tratam-se de textos de poucas linhas. Além da preocupação psicológica, havia a preocupação moral, isto é, com os costumes. Uma página, no máximo. Nunca, portanto, um sistema completo de idéias, de uma exposição exaustiva de um conceito ou de um pensamento. São apenas lances de dados. Nestes relâmpagos, os autores tinham por intenção fazer seus leitores pensarem por si mesmos, mais que lhes dar um pensamento pronto. São textos de pensamento propositalmente inacabado, lacunar, evasivo e sedutor. No século XIX, Nietzsche fez-se herdeiro desta tradição francesa. Os seus textos trazidos aqui são conhecidos como "aforismos". A meu ver, "máximas morais" e "aforismos" constituem-se em um tipo de escritura muito propícia ao desabrochar da capacidade reflexiva dos alunos.

Para que todos aprendamos algo com estes textos, é preciso que se compreenda que a posição crítica é a única possível. Não se trata de procurar cativar os alunos para uma corrente de pensamento, para o discipulado de algum filósofo ou de algumas idéias. Trata-se de ler coisas que nos ajudem a pensar criticamente. Trata-se de ler criticamente idéias que podem ser incorporadas em nossa visão de mundo, de maneiras tão diferentes quanto o número de seus leitores. O objetivo não é destruir nossos mais nobres valores, mas, fazendo-os passar pelo crivo da crítica, oferecer-lhes possibilidades de alicerces mais sólidos ou de referências teóricas de contradição, confronto e distanciamento.

---

[1] Ver MACHADO, Alcântara. Introdução. In: LA ROCHEFOUCAULD. *Reflexões e máximas morais*. Cultrix,

Trata-se também de oferecer subsídio para o nosso esforço de "separar o tribo do joio". Separar os valores nobres dos vis.

Bom trabalho!

1º BLOCO: "GENEALOGIA DO FANATISMO"[2]

"Genealogia do fanatismo" é o interessante título da primeira parte do livro *Breviário de Decomposição*, do filósofo romeno radicado na França, Emil Cioran (ver biografia no final da apostila). Dele é o primeiro texto que utilizaremos para introduzir este primeiro tema. A exacerbada maneira como apresenta o problema, é muito instigante. Com hálito congelante, este homem da Tansilvânia, paralisa a circulação de nosso sangue, graças ao niilismo radical de sua posição. Ele é o mais atual entre os pensadores presentes nesta recolha.

TEXTO DE *EMIL CIORAN*

"Em si mesma, toda idéia é neutra ou deveria sê-lo; mas o homem a anima, projeta nela suas chamas e suas demências; impura, transformada em crença, insere-se no tempo, toma a forma de acontecimento: a passagem da lógica à epilepsia está consumada... Assim nascem as ideologias, as doutrinas e as farsas sangrentas. Idólatras por instinto, convertemos em incondicionados os objetos de nossos sonhos e de nossos interesses. A história não passa de um desfile de falsos Absolutos, uma sucessão de templos elevados a pretextos, um aviltamento do espírito ante o Improvável. Mesmo quando se afasta da religião o homem permanece submetido a ela; esgotando-se em forjar simulacros de deuses, adota-os depois febrilmente: sua necessidade de ficção, de mitologia, triunfa sobre a evidência e o ridículo. Sua capacidade de adorar é responsável por todos os seus crimes: o que ama indevidamente um deus obriga os outros a

---

[2] Já discutimos (turma de Introdução à Filosofia) o paradoxal contraste, no texto *A Defesa de Sócrates*, escrito por Platão, entre a racionalidade dos argumentos socráticos e o modo como o filósofo ateniense aferrar-se obstinadamente na posição que o conduz à pena capital. Impressionante falta de assimilação do princípio apolínio da *medida*, em nome do cuprimento de um dito particular do mesmo deus Apolo: *Sócrates é o mais sábio dos homens*."

amá-lo, na espera de exterminá-los se se recusam. Não há intolerância, intransigência ideológica ou proselitismo que não revelem o fundo bestial do entusiasmo. Que perca o homem sua *faculdade de indiferença*: torna-se um assassino virtual; que transforme *sua* idéia em deus: as conseqüências são incalculáveis. Só se mata em nome de um deus ou de seus sucedâneos: os excessos suscitados pela deusa Razão, pela idéia de nação, de classe ou de raça são parentes dos da Inquisição ou da Reforma. (...) O diabo empalidece comparado a quem *dispõe* de uma verdade, de *sua* verdade. Somos injustos com os Neros ou com os Tibérios: eles não inventaram o conceito de *herético*: foram apenas sonhadores degenerados que se divertiam com os massacres. Os verdadeiros criminosos são os que estabelecem uma ortodoxia no plano religioso ou no político, os que distinguem entre o fiel e o cismático. No momento em que nos recusamos a admitir o caráter intercambiável das idéias, o sangue corre... Sob as resoluções firmes ergue-se um punhal; os olhos inflamados pressagiam o crime. Jamais o espírito hesitante, afligido pelo hamletismo, foi pernicioso: o princípio do mal reside na tensão da vontade, na inaptidão para o quietismo, na megalomania prometéica de uma raça que se arrebenta de tanto ideal, que explode sob suas convicções e que, por haver-se comprazido em depreciar a dúvida e a preguiça - vícios mais nobres do que todas as suas virtudes -, embrenhou-se em uma via de perdição, na história, nesta mescla indecente de banalidade e apocalipse... (...) Disso resulta o fanatismo - tara capital que dá ao homem o gosto pela eficácia pela profecia e pelo terror ... Só escapam a ela os céticos (ou os preguiçosos e os estetas) porque não *propõem* nada, porque - verdadeiros benfeitores da humanidade - destroem os preconceitos e analisam o delírio. (...) Em um espírito ardendente encontramos o animal de rapina disfarçado; não poderíamos defender-nos demasiado das guarras de um profeta... Quando elevar a voz, seja em nome do céu, da cidade ou de outros pretextos, afaste-se dele: sátiro de nossa solidão, não perdoa que vivamos *aquém* de suas

verdades e de seus arrebatamentos; quer fazer-nos compartilhar de sua histeria, de seu bem, impô-la a nós e desfigurar-nos. Um ser possuído por uma crença e que não procurasse comunicá-la aos outros é um fenômeno estranho à terra, onde a obsessão da salvação torna a vida irrespirável. (...) O fanático é incorruptível: se mata por uma idéia, pode igualmente morrer por ela; nos dois casos, tirano ou mártir, é um monstro. (...)" (Trad. do francês por José Tomaz Brum. Rocco: Rio de Janeiro, 1989.)

Comentário do professor ao texto de Cioran

Sem pretender sufocar a explosiva força crítica deste texto, anoto aqui algumas reflexões que vêm me perseguindo desde que o li pela primeira vez em 1995. Pretendo apenas instigar mais a leitura crítica de vocês.

§ 1 *Minha Interpretação*: A idéia deveria ser tratada como simples idéia. A neutralidade não diz tanto respeito ao conteúdo de verdade da idéia, mas ao fato de ser *idéia* e, como tal, dever ser pensada de modo neutro, ou seja, de modo não apaixonado. Animá-la, projetar nela o calor das próprias paixões e demências torna-a impura, ou seja, vincula à neutralidade da idéia a energia não neutra daquele que conhece (ama) a idéia. O próximo passo é transformar a idéia em crença. Este passo retira a idéia de um certo nimbo lógico, puramente mental, para introduzi-la na história, na forma do acontecimento. Erige-se para a *idéia* uma instituição que a defenda e vigie a fidelidade a ela. Faz-se dela motivo de guerras, combates, de querela, de divisão partidária, de heresia, de cisma, de perseguição, de tribunal, de vigilância... Esta é, segundo Cioran, a genealogia (teoria sobre a origem ou nascimento) das ideologias e das doutrinas. Considera-as todas farsas sangrentas.

Minha Crítica: O problema aqui é que se as idéias fossem tratadas efetivamente como coisas absolutamente neutras, dificilmente o homem continuaria interessando-se por idéias, criando-as, refutando-as, reformando-as... Isto poderia ser o fim da idéia. É bem possível que alguns defendam que, após o fim da idéia, fim da busca de verdade, sobre o desejo do belo. No lugar de idéias, os humanos teriam apenas a arte (poesia, música, pintura). Resta saber se há arte sem idéia.

O problema de base é que Cioran pretende pôr de um lado a idéia e de

outro a paixão. Pensa que a idéia seja ou deva ser neutra. Mas e se a idéia não for neutra, se não houver esta distinção entre idéia e paixão e se uma *idéia* for, em si mesma, uma paixão? E se uma idéia for uma vontade de interpretar, uma vontade de verdade que não pode nascer sem a chama ou a energia da paixão? De que forma poder-se-ia separar radicalmente o que é uma idéia e o que é uma crença?

Se o homem é idólatra por instinto, como ele pode produzir uma idéia sem fazer dela um ídolo? Como considerar as idéias intercamibáveis? Como evitar que o simples fato de ter idéias não conduza o homem a discuti-las e, naturalmente, a inflamar-se por elas? A questão é que, se é verdade que "sob as resoluções firmes ergue-se um punhal", não se segue que é necessário nivelar todas as idéias. Se é verdade que o espírito hesitante, não dispõe de uma verdade, não tem uma resolução firme, não significa que não tenha nenhuma idéia. Se hesita, é por ter, diante de si, uma pluralidade de idéias. Aquele que hesita, detém-se frente o desafio da eleição. Uma coisa é hesitar, outra é não eleger nada, mantendo-se em estado permanente de pusilanimidade. Este seria o estado ideal do ser humano para Cioran.

Este caminho de discussão pode ir longe, mas não é esta a melhor forma de ler este texto cioraniano. Sua força reside exatamente na sua não neutralidade, no calor retórico do discurso, que não está livre de fanatismo. O modo de tratar o tema não tem a frieza da neutralidade que requisita para toda idéia. Também está desprovido de uma criticidade e um modo científico de proceder que lide com a dúvida, com o processo do raciocínio lógico-demonstrativo. É por isso que o texto congela, no impacto.

§ 2 *Minha Intrerpretação.* Cioran enfoca o homem. Diz que este é idólatra por instinto, que tem necessidade de ficção, de mitologia e de deuses para adorar. Um pouco à moda do sofista, considera nossos incondicionados, nossos dogmas, verdades absolutas, como meros objetos de nossos desejos e interesses. Temos, na sequência, a apresentação dos problemas de Cioran, daquilo que o faz escrever. Preocupa-se com o aviltamento do espírito, a submissão do homem ao dogmatismo. Preocupa-se com os crimes praticados pelo homem, em toda a história, em nome dos "falsos Absolutos", com intolerância, intransigência ideológica e com proselitismo. Depois de escancarados os muros do regime socialista romeno, no qual viveu Cioran, pôde-se compreender a raiz biográfica de seu pensamento.

Contra isto tudo que o homem é e tem, seu instinto de adorar ele tem também uma faculdade de indifença, que pode ser perdida. Então, estamos diante do assassino virtual: o homem pode transformar sua idéia em deus. E é aí que surgem todas as coisas com as quais Cioram se preocupa: a fartura de crimes que abarrotam a história.

Minha Crítica. O conhecimento cioraniano sobre o homem não está claro:

não sabemos o que é uma "faculcade de indiferença" e qual seja exatamente sua relação com o "instinto de idolatria". Mas o fato é que ambas as categorias parecem, efetivamente, iluminar algo do que seja o homem, tal como nós o conhecemos, neste tempo que chamamos de "história do homem". Parece difícil contestar a idéia de que o homem só mate em nome de uma crença ou de seus sucedâneos. Os exemplos históricos a que se refere o autor são particularmente eloqüentes.

Na sequência o texto ganha mais clareza: o idólatra que ele tem em vista é aquele que "*dispõe* de uma verdade, de *sua* verdade". Dispor de uma verdade é ter posse dela, é ter a possibilidade de usá-la como espada, de empunhá-la. E isto é possível por ser "uma verdade". É aquele que dispõe de uma verdade que é o mais perigoso.

Parece o homem que dispõe de muitas já não é tão nocivo. Aquele que dispõe de muitas verdades começa a não ter como lidar com elas tão facilmente. Sua mente se dispersa nesta pluralidade. Por vezes, as verdades começam a confliturar-se entre si e ele já não pode mais *dispor* delas.

Ao colocar os crimes dos Neros e Tibérios em segundo plano em relação aos fautores do conceito de *herético*, Cioran não está desculpando os primeiros. Mas está invertendo uma ordem de valoração histórica consagrada no Ocidente. Os Neros e os Tibérios foram perseguidores dos cristãos. Foram responsáveis por milhares de mortes. Cioran considera que a mortalidade e as ondas de crime em nome das divisões religiosas, das divisões entre ortodoxos e heréticos é muito mais volumosa. Mais que isto, considera a demência dos Neros e dos Tibérios uma demência circunscrita a indivíduos, enquanto os fanatismos religiosos e políticos como demências que se apoderam de massas inteiras, estruturas sociais e políticas. Aquele que secciona a verdade em verdade ortodoxa e verdade sismática, erige-se em juiz dos homens. Daí à condenação à fogueira, ao banimento, ao ostracismo, é um passo.

TEXTOS DE *NIETZSCHE* E DE *LA ROCHEFOUCAULD*

Quanto à Nietzsche, apesar de estarmos diante de textos críticos ao fanatismo, trata-se de um filósofo cujo programa é o combate ao niilismo moderno. Sua posição é, neste sentido, diamentralmente oposta à de Cioran. Este último leu muito o primeiro. Quiz até fazer doutorado sobre Nietzsche. Mas seguiu um curso de pensamento muito diverso do mestre alemão. O combate ao fanatismo, entretanto, os aproxima, como se verá, a seguir.

Uma biografia de Nietzsche será oportunamente apresentada em sala por uma aluna que faz pesquisa sob minha orientação. Dados biográficos sobre La Rochefoucauld podem ser encontrados no final da apostila.

"*Os discípulos cegos*. Enquanto um mestre conhece bem a força e a fraqueza de sua doutrina, de sua arte, de sua religião, sua força é ainda ínfima. O discípulo, o apóstolo, cego pelo prestígio do mestre e pelo respeito que lhe dedica, sem olhos para a fraqueza da doutrina, da religião, etc., tem geralmente mais força que o mestre. Sem seus discípulos cegos, nunca a influência de um homem e de sua obra chegou a estender-se. Ajudar ao triunfo de uma idéia não tem freqüentemente outro sentido que associá-la fraternalmente à estupidez, que o grande peso da segunda dá a vitória à primeira." (MAI/HHI § 122).

"*Indispensável à disputa*. Quem não sabe pôr suas idéias no gelo não deve engajar-se no fogo da discussão." (MAI/HHI § 315).

"*Na discussão*. Quando se contradiz a opinião de outro ao mesmo tempo que se expõe a própria, o olhar continuamente atento sobre a outra opinião perturba, a maior parte do tempo, a atitude natural de nosso próprio pensar: nos

mostramos mais decididos, mais intransigentes, talvez um pouco exagerados." (MAI/HHI § 349).

"*Meio do abestamento.* Na luta contra a estupidez, os mais justos e os mais doces dos homens acabam por tornar-se brutais. Eles estão talvez assim sobre o bom caminho, para quem tem de defender-se; pois na frente estúpida, o argumento que tem pleno direito é o punho fechado. Mas como seu caráter é doce e justo, este meio de legítima defesa faz-lhe mais mal que inflinge." (MAI/HHI § 362).

"*Inimigos da verdade*. As convicções são inimigas da verdade mais perigosos que as mentiras." (MAI/HHI § 483).

"*Fiéis às suas convicções.* Quem tem muito a fazer conserva suas idéias e opiniões gerais quase imutáveis. Do mesmo modo, quem trabalha a serviço de um ideal: não submete jamais este ideal a exame. Não tem tempo para isto. É contrário a seu interesse crer que ele seja se quer discutível." (MAI/HHI § 511)

"*Semi-ciência.* A semi-ciência triunfa mais facilmente que a ciência completa: ela conhece as coisas de modo mais simples do que são, e deste modo faz sua opinião mais compreensível e mais convincente." (MAI/HHI § 578. Trad. ES).

"*Inapto para a militância*. Quem pensa muito não tem as aptidões requeridas para o militante: muito rapidamente, através do partido, pensa para além do partido." (MAI/HHI § 579).

"*O homem de partido*. O verdadeiro homem de partido não aprende nada,

não faz mais que experimentar e julgar; enquanto que Sólon, que não foi nunca homem de partido, mas dque perseguiu seu fim ao lado e acima dos partidos, e ainda contra eles, converteu-se no autor (e isto é significativo) desta simples palavra, que revela toda saúde inesgotável de Atenas: 'Eu me aperfeiçoei, mas continuo aprendendo.'" (VM/OS § 301)

"*Morrer pela 'verdade'* - Não nos deixaríamos queimar por nossas opiniões: não estamos tão seguros delas. Mas, talvez, por podermos ter nossas opiniões e podermos mudá-las." (WS/AS 333)

"*Da persuasão e da justiça*. Manter, no sangue frio e na calma, o que o homem diz, promete e resolve no estado da paixão, é um dos deveres mais insuportáveis que pesam sobre a humanidade. Ver-se obrigado a admitir para sempre as consequências da cólera, da vingança inflamada, da devoção entusiasta: tudo isto pode suscitar contra tais sentimentos uma amargura tanto maior quanto geralmente, e, principalmente, entre os artistas, esta conduta é objeto de um culto idolátrico. Os artistas pagam caro a 'estima concedida às paixões' e sempre o hão de fazer assim; é verdade que também exaltam as satisfações terríveis das paixões que um homem tira dessas explosões de vingança seguidas de morte, de mutilação, de exílio voluntário, e essa resignação do coração desolado. Sempre estão despertados os curiosos desejos de paixões, como se dissessem: 'Sem paixões, não haveis de viver'. Por haver jurado fidelidade (...), por haver consagrado o coração a um príncipe, a um partido, a uma mulher, a uma ordem religiosa, um artista, um pensador, em um estado de ilusão cega que exercera sobre nós uma sedução e se nos apresentasse estes seres como dignos de todo o respeito, de todos os sacrifícios, por isto há alguém de ficar ligado perpetuamente? Não nos enganamos a nós mesmos? Não se trata de uma promessa hipotética, sob a condição (que na realidade não se

cumpriu) de que esses seres a quem nós temos nos consagrado fossem realmente o que parecia ser na nossa imaginação? Estamos obrigados a ser fiéis a nossos erros, ainda sabendo que com esta fidelidade danificamos nosso eu superior? Não, não há tal lei, não há tal obrigação; devemos ser traidores, abandonar sempre nosso ideal. Não passamos de um período da vida a outro sem causar e, por isso, sem sentir as dores da traição. Acaso por livrarmos dessas dores haveríamos de nos colocar em guarda contra os transportes de nosso sentimento? Não resultaria então o mundo muito vazio, muito espectral? Melhor, temos que nos perguntar se estas dores, quando se opera uma mudança de convicção, são 'necessárias' ou se não dependem de uma opinião e de uma apreciação 'errôneas'. Por que se admira aquele que permanece fiel a sua convicção e se despreza ao que muda? Temo que a resposta seja esta: que cada qual supõe que só se produz tal mudança por motivos vis, por baixo interesse ou por temor pessoal. Dito de outro modo: no fundo, se acredita que ninguém modifica suas opiniões enquanto lhe são proveitosas, ou pelo menos, enquanto não lhe prejudicam. Porém, se é assim, não pode haver testemunho mais contrário à 'importância intelectual' de todas as convicções. Examinemos um momento como nascem as convicções, e, vejamos se não é que lhes concedemos demasiada estima; isto nos ensinará que a 'mudança' de convicções tem sido sempre medida com o olhar voltado a uma escala falsa e que até aqui tínhamos o costume de sofrer 'demasiadamente' por esta mudança. **(**Nietzsche, F., *Humano, demasiado humano*, § 629**).** (Traduzido pela acadêmica de filosofia Marcione F. da Silva. Revisão: E. Sugizaki)

"Convicção é a crença de estar, em algum ponto do conhecimento, na posse da verdade incondicionada. Essa crença pressupõe, portanto, que há verdades incondicionadas; do mesmo modo, que foram encontrados aqueles métodos perfeitos para se chegar a elas; enfim, que todo aquele que tem

convicções se serve desses métodos perfeitos. Todos esses três postulados demonstram desde logo que o homem das convicções não é o homem do pensamento científico; está, diante de nós, na idade da inocência teórica e é uma criança, por adulto que seja, quanto ao mais. Mas milênios inteiros viveram nesses pressupostos infantis, e deles jorraram as mais poderosas fontes de força da humanidade. Aqueles inúmeros homens que se sacrificaram por suas convicções pensavam fazê-lo pela verdade incondicionada. Todos eles estavam errados nisso: provavelmente nunca um homem se sacrificou ainda pela verdade; pelo menos a expressão dogmática de sua crença terá sido não-científica ou científica pela metade. Mas propriamente queriam ter razão porque pensavam que *tinham* de ter razão. (...) Não é o combate das opiniões que tornou a história tão violenta, mas o combate das crenças nas opiniões, isto é, das convicções. Se, entretanto, todos aqueles que faziam uma idéia tão alta de sua convicção lhe ofereciam sacrifícios de toda espécie e não poupavam honra, corpo e vida para servi-la houvessem dedicado apenas a metade de sua força a investigar com que direito aderiam a esta ou aquela convicção, por que caminho haviam chegado a ela: que aspecto pacífico teria a história da humanidade! Quanto mais haveria de conhecido! Todas as cenas cruéis da perseguição aos hereges de toda espécie nos teriam sido poupadas, por duas razões: primeiro, porque os inquisidores teriam, antes de tudo, inquirido dentro de si mesmos e ultrapassado a pretensão de defender a verdade incondicionada; em seguida porque os próprios hereges não teriam mais interesse, diante de proposições tão mal fundadas como as proposições de todos os sectários e 'ortodoxos', depois de tê-las investigado." (MAI/HHI § 630) (trad. *OI*)

"O espírito adere, por preguiça e por constância, ao que lhe é fácil ou agradável: esta inclinação coloca sempre limites ao conhecimento e jamais alguém deu-se ao trabalho de desenvolver e de conduzir seu espírito tão longe

quanto ele poderia ir." (La Rochefoucauld, *Reflexões e máximas morais*, n. 482)

Exercício: Seria ótimo se pudéssemos relacionar os textos lidos a filmes que assistimos, tais como O nome da rosa. A cruz púrpura.

2º BLOCO "O AMOR"

"É difícil definir o amor; o que dele se pode dizer é que, na alma, é uma paixão de reinar; nos espíritos, uma simpatia; e no corpo não passa dum desejo disfarçado e delicado, de possuir o que se ama, após muitos mistérios." (La Rochefoucauld, *Reflexões e Máximas Morais*, 68)

"Não há disfarce algum que possa, por muito tempo, ocultar o amor onde ele existe, nem fingi-lo onde não existe." (Id., ib., 70)

"O amor, como o fogo, não pode subsistir em movimento contínuo e cessa de existir desde que deixa de almejar ou de temer." (Id., ib., 75)

"No amor, o engano vai quase sempre mais longe que a suspeita." (Id., ib., 335).

"*O que se pode prometer*. Pode-se prometer ações, mas não sentimentos, pois estes são involuntários. Aquele que promete a alguém amar-lhe sempre ou odiar-lhe ou ser-lhe sempre fiel promete algo que não está em seu poder; o que se pode prometer são ações que, em verdade, são ordinariamente as conseqüências do amor, do ódio, da felicidade, mas que podem também provir de outros sentimentos, pois a uma mesma ação conduzem caminhos e motivos diferentes. Por conseguinte, a promessa de amar sempre a uma pessoa significará: enquanto eu te ame, prodigarizarei por ti as ações do amor; se deixo de amar-te, continuarás recebendo de mim as mesmas ações, ainda que por outros motivos, de sorte que na cabeça dos demais homens persista a aparência de que o amor será imutável e sempre o mesmo. Promete-se também a persistência da aparência do amor quando, sem cegar-se a si mesmo, se promete a alguém um amor eterno." (Nietzsche, MAI/HHI § 58).

(Nietzsche, FW/GC § 14)

"O que é o *eu*? Um homem que se põe à janela para ver os passantes, se eu estiver passando, posso dizer que se pôs á janela para ver-me? Quem gosta de uma pessoa por causa de sua beleza, gostará dela? Não, pois a varíola, que tiratá a beleza sem matar a pessoa, fará que não goste mais; e, quando se gosta de mim por meu juízo (por minha inteligência), ou por minha memória (capacidade de memorizar), gosta-se de mim? Não; pois posso perder essas qualidades sem me perder. Onde está, pois, esse *eu*, se não se encontra no corpo nem na alma? E como amar o corpo ou a alma, senão por essas qualidades, que não são o que faz o *eu*, de vez que são perecíveis? Com efeito, amaríamos a substância da alma de uma pessoa abstratamente, e algumas qualidades que nela existissem? Isso não é possível, e seria injusto. Portanto, não amamos nunca a pessoa, mas somente as qualidades. / Que não se zombe mais, pois, dos que se fazem homenagear por seus cargos e funções, porquanto só se ama alguém por qualidades de empréstimo" (Pascal, *Pensamentos*, 323. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 121).

"A dignidade do amor consiste no afeto desiludido que sobrevive a um instante de baba." (Cioran).

Dados biográficos de Emile Cioran

Nascido em Rosimari, uma aldeia nos Cárpatos, na montanha, a 12 km de Sibiu-Hermanstad (Nagyszeben, em húngaro), então uma cidade importante do Império Áustro-Húngaro, em que coabitavam as etnias alemã, húngara e romena. Durante a guerra de 14 (com três anos), seus pais foram deportados pelos húngaros, e Cioran, sua irmã e seu irmão ficaram com a avó. Aos dez anos (1921) deixou a aldeia para entrar no colégio de Sibiu. Aos vinte anos, em 1931, em Sibiu, Cioran diz ter vivido o grande drama de sua vida, que o marcou definitamente, o início de sua insônia (Entrevista a Michel Jakob, FSP 12/2/95).

Com 22 anos escreveu seu primeiro livro, em 1933, (*Pe Culmile Disparárii*), *No cume do Desespero*, publicado em 1934. Havia terminado seus estudos de filosofia, em 1937, em Bucareste e não conseguia ser professor por causa da insônia.

Seu pai era padre ortodoxo e sua mãe era incrédula, mas presidente das mulheres ortodoxas de sua cidade.

Em 1937, Cioran veio para Paris como bolsista do Instituto Francês de Bucareste.

Suas obras se caracterizaram pelo pessimismo. Para ele, o suicídio era uma possibilidade sempre aberta. "Só vivo porque posso morrer quando quiser. Sem a idéia do suicídio já teria me matado há muito tempo", costumava dizer.

Aos 84 anos, morre de mal de Alzheimer. Na terça-feria 20 de junho de 1995..

Obras traduzidas para o português: (Sempre pela Editora Rocco) Breviário de Decomposição, História e Utopia, O livro dos Logros e Silogismos da Amargura. A tentação de existir (pela editora portuguesa Relógio d'Água).

Noticiário da Imprensa brasileira sobre CIORAN: Revista *Veja*, Editora Abril n.1398, ano 28, n. 26, de 28 de junho de 1995, p. 114; Revista *Isto é*, 28 de junho de 1995 no. 1343, p. 129.

Dados biográficos de La Rochefoucauld

François de La Rochefoucauld foi um nobre que escreveu apenas dois livros. Um de memórias e outro de máximas. Filho do duque de Poitou, foi criado no campo, onde recebeu uma fraca educação, sem jamais ter frequentado colégio ou universidade. Foi educado pelo poeta Julien Colardeau. Aos dezesseis anos, lutou no regimento de Auvergne (de 1635 a 1648). Em 1656, frequenta os salão de Mme. de Sablé. Nesta época, outros famosos salões parisienses destacavam-se como os de Mlle. de Scudéry, Mme. de La Fayette, Mme de Plessis-Guénégaud, frequentados pelas personalidades do mundo da artes, da política, da nobreza e da literatura. No salão de Mme. de Sablé, La Rochefoucauld compôs a maioria de suas máximas. Enquantos salões criavam-se retratos, aí compunham-se máximas. Propunha-se um tema de moral com e dada cada um o discutia com espírito e argúcia. Depois procurava-se reduzir as conversas a um escrito, dando-lhe uma forma breve, atrativa e mordaz. As máximas de La Rochefoucauld foram publicadas pela primeira vez em 1664, anônimas. Retrabalhadas, reapareceram em 1678.

La Rochefoucauld faleceu em 17 de março de 1680, nos braços do bispo e filósofo Bossuet.

Amor como coisa que fica depois de terminada a paixão...

Qual sentimento que nos leva a perpetuar relações sem paixão? Meus alunos disseram “o amor”. Vêem uma dicotomia entre amor e paixão.

Não há nenhuma diferença entre "paixão" e "amor". Ambas as coisas representam uma ilusão de que o outro é aquele de que necessito, que ele atende minhas necessidades. Fora disto, fico junto porque acredito que é meu dever de fidelidade, porque aquela pessoa possui algo que é meu, uma imensa parte da memória do meu passado, possuímos filhos em comum, que tem veneração por mim, que tem estima por mim, que esperam que nós estejamos juntos (os seus pais).

Mas com qual finalidade vou conduzir um bando de idiotas a uma maior criticidade sobre os sentimentos? Se eles não sentem a necessidade desta criticidade? Que direito eu tenho de que eles tenha maior criticidade do que a que precisam? Pois se destituir a criticidade vai arrancar veus de que eles necessitam para suas vidinhas niveladas por baixo?
